

**ANÁLISE DO DISCURSO E ESTUDOS DE MÍDIA:
um olhar sobre a heterogeneidade discursiva e
o *ethos* da narrativa policial no *Jornal da Alterosa***

Giani David-Silva
gianids@gmail.com
<http://goo.gl/LlcZV>

Rafael Magalhães Angrisano
rafaelangrisano@yahoo.com.br
<http://goo.gl/aJ94p1>

André Luiz Silva
andre.alavaresesilva@gmail.com
<http://goo.gl/idhY1f>

RESUMO

O presente trabalho é uma breve análise a respeito da heterogeneidade discursiva e da produção de sentidos em reportagens televisuais. A partir dessa temática, foi realizada discussão teórica sobre a midiatização da sociedade e seu caráter de influência sobre o “real” dos indivíduos e instituições, o fato de as narrativas televisivas dos acontecimentos tentarem se apropriar do “real”, por meio da linguagem direta de caráter indicial. Além disso, expomos algumas noções sobre a análise do discurso no que diz respeito ao discurso midiático e à heterogeneidade discursiva, que serviram de metodologia. Com esse arcabouço, propomos um estudo de caso, uma análise das características e das diversas vozes representadas em uma reportagem policial de um telejornal mineiro, o *Jornal da Alterosa*. Observamos a tonalidade comunicativa da emissora e os modos como a heterogeneidade é marcada no discurso da reportagem, na tentativa de nos aproximar da proposta de *ethos* das narrativas policiais desse telejornal. Constatamos uma voz (ou tom) que emerge a partir do uso da emoção e do caráter violento do “real”.

Palavras-chave: televisão; mídia; linguagem; discurso; heterogeneidade discursiva

1 Os *media* como objeto de pesquisa

A midiatização é a evolução de processos midiáticos que se instauraram nas sociedades contemporâneas, na qual os meios de comunicação possuem papel central na formação cultural e na produção de sentido. Em uma sociedade em processo de

midiatização, todas as práticas socioculturais se alteram em sintonia com os media. A televisão é um dos exemplos. A TV passou a ser um lugar de produção dos imaginários sociais. Ao mesmo tempo, o espaço televisivo se constrói por intermédio do espaço social (VERÓN, 2001).

Nas palavras de Verón (2001), o processo de midiatização atua modificando e densificando a inter-relação entre os meios de comunicação, a sociedade e os indivíduos.

No mundo midiatizado, impera a ideologia representacional. A midiatização vem tentando se legitimar na sociedade, criando uma proposta de “real”¹ que quer se afirmar como o único e verdadeiro “real” (VERÓN, 2001).

Tendo em vista que, atualmente, todas as práticas socioculturais se relacionam com os meios de comunicação e que estes estabelecem estratégias para se legitimarem como o “real verdadeiro”, devemos considerar que os telejornais medeiam a realidade a partir de uma perspectiva linguística. Essas mediações são feitas a partir das escolhas de alguns fatos em detrimento de outros, por meio de intencionalidades comunicativas, como nos lembra David-Silva (2005):

Fragmentos da realidade são focados e tratados (verbal e iconicamente) em função do alvo pré-determinado, deixando-se grande parte dos fatos do mundo na sombra. [...] O sujeito informador deveria se questionar, não somente a respeito da fidelidade ou objetividade do seu relato, mas também da forma como este pode ser tratado, dos efeitos que podem produzir diferentes tipos de abordagem. (DAVID-SILVA, 2005, p. 31)

Isso nos faz refletir, como evidenciado por Luhmann (2005), que a transmissão dos acontecimentos pelos *media* não é a “realidade”, o fato que ocorreu, mas sim uma representação ficcional desta. Sendo a linguagem a matéria-prima dos meios de comunicação, estes são, por excelência, instâncias mediadoras da realidade social, uma combinação do espaço sociocultural com os sistemas linguísticos que constroem universos simbólicos (LUHMANN, 2005).

1 Não temos a pretensão de iniciar uma discussão filosófica a respeito do “real” e da “verdade”. Usamos neste artigo a mesma noção proposta por Verón (2001), que separa a realidade social da realidade reproduzida pelos meios. Dialeticamente, existe o “real social” (a cultura, as instituições, os recursos etc.) e a representação desse “real”, produzida pelos dispositivos comunicacionais.

Inserida nesse mundo em processo de midiaticização está a televisão. Em sua trajetória, a TV privilegiou a linguagem indicial como tentativa de se apropriar da realidade empírica por meio do discurso. Certamente, a televisão é uma mídia de referência em nosso cotidiano, como explicita Silverstone (2002): “A televisão. Ligada ou desligada. Ligada e desligada. Sempre disponível. Sempre à mão. Incrustada na cultura do ambiente doméstico. [...] já não podemos pensar sobre o lar, como tampouco podemos viver no lar, sem nossa mídia.” (p. 165-166).

Das classificações da televisão citadas por Eco (1984), passamos da “paleotelevisão”, que falava do mundo exterior e de acontecimentos inocentes – em que era possível diferenciar a informação e o espetáculo –, para a “neotelevisão”, um dispositivo híbrido, que fala menos do mundo à sua volta e mais de si mesmo, lugar no qual os gêneros se misturam, a informação se funde com a ficção e as estratégias de ficção estão a serviço da verdade. Hoje, fala-se da “pós-televisão”, uma forma de transmissão televisiva na qual o telespectador comum pode estar presente em programas e se transformar em um “herói” (FRANÇA, 2009).

Segundo França (2009), a TV atual segue a lógica do entretenimento (*infotainment*), o que significa dizer que:

[...] O traço da diversão, do lúdico, do descontraído é tão forte e marcante na televisão que ultrapassa os gêneros marcadamente inscritos na categoria entretenimento (telenovelas, programas humorísticos, de auditório, infantis, etc.) e penetra no antes sisudo campo da informação. (p. 34)

Ainda de acordo com a autora, outro aspecto marcante – que não é apenas um traço da televisão atual, mas do mundo contemporâneo –, é a dimensão estetizante. A TV estetizante se orienta mais pela estética do que pela ética, lugar em que reina o sensorial, as performances, os corpos expostos e as representações dramáticas, que devem fazer rir, chorar, provocar medo ou comoção. De acordo com França (2009), a televisão atual é o reino da diversidade; ela explora o personalismo e a intimidade do telespectador comum e, a todo instante, busca espetacularizar a violência, a polêmica e o picante.

Nesse sentido, a reportagem policial que escolhemos como *corpus* para este artigo foi especialmente selecionada por possuir esse apelo popular e alguns estereótipos já conhecidos, que em alguns momentos focam em tons sensacionalistas e de espetacularização da violência. Acreditamos que os tons ficcional e dramático, além de outras estratégias de natureza estética perceptíveis na televisão atual, são ainda mais evidentes em reportagens desse gênero; por isso, analisar a inter-relação entre a representação simbólica dos acontecimentos que se relacionam com a violência e a realidade social nos interessou.

Nas próximas laudas, tentamos compreender, a partir do nosso estudo de caso e da aplicação de alguns conceitos da análise do discurso, que tipo de *ethos* discursivo² está presente em narrativas policiais do *Jornal da Alterosa*. Obviamente, o tamanho do nosso *corpus* e o curto espaço desse artigo nos deram apenas algumas pistas desse *ethos*. No próximo tópico, expomos nossa metodologia. Falamos, primeiramente, sobre alguns conceitos dos estudos linguísticos, como dialogismo e polifonia em Bakhtin, heterogeneidade discursiva em Authier-Revuz e um pouco sobre o modelo de análise discursiva da informação proposto por Charaudeau.

2 Análise do discurso aplicada aos estudos de mídia

Bakhtin (1992) diz que os discursos são intrinsecamente polifônicos (envoltos por vozes sociais e individuais), já que todo enunciador, para formar seu discurso, considera o discurso (a voz) do outro. O autor nos diz também que os discursos sempre são dialógicos: “[...] a unidade real da língua que é realizada na fala não é a realização monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é o diálogo”. (BAKHTIN, 1992, p. 145).

2 Pela falta de espaço, iremos resumir a noção de *ethos* que trabalhamos. Dominique Maingueneau (2004) nos explica a noção de *ethos*, que foi estudada por Roland Barthes, como a voz de um sujeito além do texto. Para Maingueneau (2004), o *ethos* está presente na enunciação do texto e, por meio disso, revela a personalidade de quem o escreve.

Essa noção fundadora, na qual os discursos seriam unidades linguísticas polifônicas e dialógicas, faz-nos tomar todos os atos de linguagem como heterogêneos (todo discurso é atravessado pelo outro). Apoiando-se no pensamento de Bakhtin, José Luiz Fiorin (2006) aponta esse caráter heterogêneo intrínseco aos discursos:

Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual se constrói. (FIORIN, 2006, p. 24)

Essa heterogeneidade dos discursos por vezes é mostrada, podendo ser marcada, como no caso do discurso direto, discurso indireto e uso de aspas, ou não marcada, que é o caso das alusões, imitações e do discurso indireto livre. Mas, antes de tudo, essa heterogeneidade é constitutiva, ou seja, o outro está onipresente no discurso de alguém.

A heterogeneidade mostrada pode ser percebida na forma de discursos relatados (direto e indireto) e pela conotação autonímica, que ocorre de modo explícito, como no caso do uso das aspas e de modo não explícito, quando se usa o discurso indireto livre ou a ironia. A utilização de marcas do discurso de outro é uma tentativa de se negar a heterogeneidade constitutiva dos discursos (AUTHIER-REVUZ, 2004).

A heterogeneidade e a polifonia das quais falamos são o nosso foco metodológico de observação na reportagem escolhida para análise. Aplicaremos esses conceitos para explicitar nas reportagens essas marcas de outras vozes, atentando-nos apenas aos discursos diretos e indiretos. As escolhas das vozes e a forma como são inseridas nas narrativas possuem quais intencionalidades?

Achamos interessante listar também, ainda neste tópico, as ideias sobre construção do sentido midiático elaboradas pelo fundador da teoria semiolinguística, Patrick Charaudeau. Fizemos isso para refletir de modo mais amplo sobre a máquina midiática e como ela se utiliza dos discursos de outros para, estrategicamente, atingir seus objetivos de comunicação.

Em seu estudo, Charaudeau (2007; 2010) instituiu um modelo discursivo que busca articular o ato de linguagem com o seu ambiente externo, ou seja, com toda a encenação

que constitui o discurso. Trata-se de observar o ato de comunicação a partir de um número de variáveis, entre elas: a identidade dos envolvidos, as finalidades ou visadas³ do ato, a situação da troca comunicativa e suas circunstâncias materiais.

O discurso midiático usa de estratégias para alcançar três efeitos: o de “realidade”, que se realiza por meio do recurso da imagem, quando se presume que o que está sendo transmitido é uma cópia fiel do mundo; o de “ficção”, que ocorre quando o produtor usa da reconstituição de acontecimentos (narrativas dos fatos); e o de “verdade”, realizado pela criação de um visível, que não o era a olho nu (uso de macro e microtomadas, mapas, gráficos etc.) (CHARAUDEAU, 2007).

Para transformar o “mundo a significar” em “mundo significado”, a televisão – mídia do visível por excelência – utiliza de estratégias para alcançar alguns efeitos, principalmente (CHARAUDEAU, 2007):

- o de “realidade”, que se realiza por meio do recurso da imagem, quando se presume que o que está sendo transmitido é uma cópia fiel do mundo. Nesse caso, o intuito é transmitir uma visão objetiva e tangível do mundo, de natureza indicial (CHARAUDEAU, 2007). De acordo com David-Silva (2005):

[...] o efeito de realidade tem, então, um forte aliado: o efeito de saber. Este efeito acontece sempre que o enunciador descreve algo (identificação, qualificação etc.) que seu interlocutor não conhece, ou que ele supõe que este não conheça. Ele se constrói uma imagem de sábio, expert, conhecedor do mundo em seus mínimos detalhes. (DAVID-SILVA, 2005, p. 54)

Esses efeitos causam credibilidade devido ao seu caráter de autoridade.

- o de ficção, que ocorre quando o produtor usa da reconstituição de acontecimentos (narrativas dos fatos).

Só a ficção é capaz de fabricar uma totalidade, uma sensação de unidade. Quando um jornalista procura juntar os pedaços das

3 As visadas são intencionalidades psicodiscursivas que regem o ato de comunicação. A finalidade do contrato de comunicação midiática suscita duas visadas: a informativa (fazer-saber) e a patêmica (fazer-sentir).

informações que possui e constrói uma narrativa com início, meio e fim, como se fosse o todo dos fatos, ele está utilizando uma estratégia que buscará atingir esse efeito, mesmo que seja com o objetivo de dar conta da realidade. (DAVID-SILVA, 2005, p. 55)

Em nossas análises, tentamos perceber o jogo que a narrativa visual e verbal da reportagem do *Jornal da Alterosa* realizou para marcar esses efeitos, e como esses efeitos corroboraram o uso estratégico dos discursos relatados para criar determinado *ethos* discursivo.

Considerando o ato de comunicação uma relação entre enunciadores e receptores e que o produto gerado por essa troca comunicativa ocorre a partir de um “jogo de expectativas” construído por inferência (os *media* buscam atingir certos efeitos orientados por suas visadas), é necessário compreender os três espaços de construção do sentido propostos por Charaudeau (2010). O primeiro espaço é o de “produção”, em que se encontra o sujeito produtor do ato de comunicação. Nesse espaço se define o “jogo de expectativas” e se identifica as finalidades propostas para as situações comunicação. Aqui, o locutor é sobredeterminado por uma identidade social imposta pela situação de comunicação. O segundo espaço é o da “reprodução”, lugar do sujeito interlocutor, em que se realizam os efeitos produzidos pelo ato de comunicação. O terceiro espaço é o da “construção do texto”, no qual se realiza o texto a partir de dados impostos pelo espaço de produção. A organização desse espaço depende das estratégias e categorias de discursos escolhidos pelos produtores. Aqui, os sujeitos não são os de produção e tampouco os de interpretação, são os sujeitos de fala (enunciadores e destinatários) definidos em termos de identidade discursiva. A relação dos três espaços supracitados resulta na coconstrução do sentido, efetivada pelos dois parceiros do ato de comunicação, uma inter-relação entre os efeitos visados e os efeitos possíveis (CHARAUDEAU, 2010).

Pensando nos três espaços de construção do sentido, analisamos uma reportagem policial do *Jornal da Alterosa*, lançando um olhar sobre as diferentes vozes presentes no discurso do acontecimento e como essas vozes interferem ou contribuem para as intenções comunicativas do jornal. Basicamente, tentamos observar e distinguir a heterogeneidade presente no discurso do telejornal, atentando-nos para os momentos em

que ela está marcada no formato de discursos relatados (direto e indireto), identificando como a utilização do discurso de outros (verbal e visual – por meio de sua apresentação na tela) corrobora para se chegar aos efeitos visados na construção do sentido comunicativo-midiático (ficção, realidade etc.).

3 A heterogeneidade discursiva na reportagem: “Adolescentes de 13 anos matam colega e arrancam coração da vítima”

O Jornal da Alterosa (JA) é um telejornal diário (de segunda a sexta-feira), da TV Alterosa (emissora do Estado de Minas Gerais), que possui duas edições, uma no período da tarde, às 13h, e a outra à noite, às 18h45. Na descrição do programa, retirada do site oficial da emissora, o Jornal da Alterosa se declara um telejornal que “oferece informação, cultura e entretenimento e é um canal de expressão popular”. O noticiário diz ainda tratar dos eventos que ocorrem no Estado de Minas Gerais, “seu desenvolvimento, sua cultura e outros assuntos de grande interesse para o cidadão”. No entanto, assistindo ao programa, percebemos que a sua temática mais marcada é aquela que nos interessa (as reportagens que se relacionam com a violência e os eventos ligados ao mundo do crime).

Selecionamos a reportagem “Adolescentes de 13 anos matam colega e arrancam coração da vítima”, veiculada no programa no dia 14/06/2012. A notícia teve grande repercussão, inclusive na mídia nacional, devido ao seu caráter brutal e teoricamente improvável, sobretudo pelas idades das assassinas e da vítima. Trata-se de uma reportagem que aborda o tema da delinquência juvenil, frequentemente exposto na pauta do telejornal.

3.1 Descrição do acontecimento pelo JA

Inicialmente, temos uma breve exposição do fato feita pela jornalista que relata o acontecimento. Fabíola Santos Correia estava desaparecida desde o dia 27/05/2012, quando o seu corpo foi encontrado em um matagal próximo à residência da garota. A vítima teve o coração arrancado do peito por duas adolescentes de 13 anos que usaram

uma faca e uma barra de ferro para cometer o assassinato. Nesse momento, são utilizados os principais elementos icônicos do discurso jornalístico: são mostradas fotos da cena do crime, em que foram encontrados o corpo e os objetos usados para matar a garota, que servem para informar e descrever o caso; além de uma fotografia de Fabíola fazendo um sinal de coração com as duas mãos entre o peito, causando um efeito patêmico, que, de certa forma, serve de analogia ao crime brutal.

FIGURA 1 – Vítima



Fonte: JORNAL DA ALTEROSA, 2012

No decorrer da reportagem, temos o depoimento do delegado responsável pelo caso. Segundo a Polícia Civil, existe a possibilidade de o homicídio ter sido planejado pelas adolescentes, pois elas temiam que a vítima denunciasses o envolvimento delas com drogas.

O delegado afirmou que as duas jovens suspeitas confessaram o assassinato e não demonstraram arrependimento. As jovens levaram a menina até a mata, onde enfiaram uma faca nas costas da amiga e atacaram sua cabeça com a barra de ferro. A faca foi usada para abrir o peito de Fabíola e tirar o coração. Em seu relato, o delegado ainda diz que as meninas confessaram ter levado o coração para casa e pediram para o irmão mais novo de uma delas que o enterrasse.

FIGURA 2 – Delegado



Fonte: JORNAL DA ALTEROSA, 2012

Em seguida, são mostradas imagens do centro socioeducativo do bairro Horto, em Belo Horizonte, e a voz da jornalista reassume o foco da notícia, dizendo que as duas garotas estão detidas e podem cumprir medida socioeducativa por até três anos.

Para finalizar, temos a opinião de uma psicóloga que comenta o caso. Ela afirma ser muito difícil traçar um perfil psicológico a partir de um comportamento isolado, mas frisa que o grau de perversidade do ato é de amedrontar.

FIGURA 3 – Psicóloga



Fonte: JORNAL DA ALTEROSA, 2012

3.2 Os papéis enunciativos (as vozes escolhidas e seus efeitos)

A heterogeneidade é uma constituinte dos discursos. No caso, principalmente do discurso jornalístico, costuma ser usada para dar credibilidade aos enunciados

produzidos. É fácil perceber isso nas produções midiáticas de informação, pelo fato de sempre utilizarem citações em seus textos.

Observamos algumas vozes que constituem o discurso da notícia escolhida, mesmo não estando marcadas. Na verdade, são discursos próximos dos imaginários sociais, como o discurso moral, o discurso da família, o discurso social que se relaciona com o crime e com as drogas, entre outros. No entanto, focaremos neste trabalho as vozes que estão marcadas e como elas contribuem para que sejam alcançados os efeitos e as intenções comunicativas do telejornal.

Percebemos, durante a reportagem, quatro vozes distinguíveis dentro do discurso da notícia, essencialmente polifônica: a da jornalista, como instância midiática que narra o acontecimento, a da Polícia Civil, representada pelo delegado, a de uma das garotas que cometeu o crime, citada pelo delegado, e a voz da psicóloga, que opina sobre o fato.

No caso da voz policial, a heterogeneidade se configura como mostrada, no momento em que as imagens apontam o delegado comentando o fato, um caso de discurso direto (transcrição literal do enunciado). “Elas chutaram a garota que caiu no chão. E enfiaram a faca nas costas dela e passaram a golpear com a barra de ferro a cabeça da menina. Elas teriam utilizado a faca para abrir o tórax da menina e tirar o coração dela.” Como a imagem que aparece durante a sua narrativa é a dele mesmo, o efeito de ficção se faz presente, pois o relato nos remete a um passado que precisa ser explicado.

O delegado, ao mesmo tempo que expõe as suspeitas e o andamento das investigações policiais, relata o depoimento de uma das jovens que confessou o crime. Observa-se, claramente, o uso dessa voz como uma tentativa de legitimação da narrativa jornalística, uma ferramenta para construção do efeito de realidade, a partir do visível, afastando-se o enunciador midiático.

A voz de uma das adolescentes que cometeram o crime aparece como um discurso relatado, na forma de discurso indireto, quando citada pelo delegado. De acordo com ele, as meninas demonstraram um tom de sarcasmo ao rir do evento, além de não demonstrarem qualquer arrependimento. . Em sua fala: “Em certos momentos, elas até riam da situação” há a sugestão de um efeito patêmico, que causa um pouco de choque.

A marcação desse enunciado aparenta ser estratégica, no sentido da intencionalidade de captação do público, a partir de uma fala perversa, quase impensável, em se tratando de uma adolescente de 13 anos.

A última fala, a da psicóloga Érica Machado, surge no fim da reportagem, agora com uma função de comentarista. “É muito difícil dizer por um comportamento, traçar um perfil psicológico. Mas é de um grau de crueldade, de perversidade, que amedronta.” O telejornal utiliza do rápido comentário feito pela especialista, na busca de legitimação a partir do efeito de verdade. O especialista, como detentor de um saber, aparece para tentar explicar a brutalidade do crime, de maneira a refletir sobre a estrutura psíquica das assassinas e o que poderia levá-las a cometer um assassinato tão violento como este.

Considerações finais

É importante deixar claro que, apesar do avanço veloz do processo de midiatização e sua larga influência na construção da realidade social, ele ainda não é absoluto. A profecia apontada por muitos é a de que o avanço da midiatização atingirá o seu extremo e haverá uma transferência total das práticas coletivas para o universo dos meios, apesar de que isso parece estar longe de acontecer.

A cultura de massa apresentada pelos *media* tem, justamente, o papel de construir pontos de convergência, pequenos universos comuns à percepção de real dos sujeitos por meio de representações. As narrativas televisivas utilizam estratégias discursivas para atrair e informar os indivíduos, na tentativa de se tornar a referência de realidade, sendo o uso estratégico dos discursos relatados uma das formas de se alcançar esses efeitos de realidade.

A partir dessa breve análise, identificamos algumas formas de legitimação de realidade do discurso das narrativas policiais do *Jornal da Alterosa*, ao convocar os discursos de terceiros. Percebe-se que o jogo de vozes utilizado, juntamente com os efeitos de “real”, emoção, ficção e verdade da televisão, busca alcançar as duas visadas do ato de comunicação midiático. As intenções comunicativas de informar e atrair a audiência.

As notícias que se relacionam com a violência, de alguma forma, parecem atrair de modo natural a atenção do público, e o telejornal se aproveita dessa curiosidade para encenar, de modo patêmico, esse tipo de acontecimento (o fato que escolhemos acabou por conseguir um lugar especial na agenda midiática). Essa atração se completa com os efeitos criados para causar credibilidade – a convocação de vozes, de atores sociais etc. –, de modo que busque reconstruir o acontecimento e legitimar as informações levadas ao cidadão.

Por fim, percebemos a construção de um *ethos* discursivo nessa narrativa policial que se relaciona com a tentativa de mostrar a realidade nua e crua, uma voz que pede justiça, apesar de um pouco da perda de objetividade do relato, característica dos enunciados jornalísticos, com o uso das estratégias patêmicas, o caráter brutal do acontecimento está perceptível tanto no discurso verbal, quanto no imagético.

REFERÊNCIAS

ADOLESCENTES de 13 anos matam colega e arrancam coração da vítima. **Jornal da Alterosa**, Belo Horizonte, 14 jun. 2012. Disponível em: <http://www.alterosa.com.br/html/noticia_interna,id_sessao=9&id_noticia=79770/noticia_interna.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2012.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENVENISTE, Émile. **Aparelho formal da enunciação**: Problemas de Lingüística Geral II. Campinas: Pontes, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa; PAULA, Luciane de (org.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: Edufu, 2010. p. 34-47.

DAVID-SILVA, Giani. **A informação televisiva: uma encenação da realidade** (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses), Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

ECO, Umberto. **Teve: a transparência perdida**. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FRANÇA, Vera. A televisão porosa: traços e tendências. In: FREIRE FILHO, João (org.). **A TV em transição, tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VÉRON, Elíseo. **El cuerpo de las imágenes**. Buenos Aires: Norma, 2001.

SOBRE OS AUTORES:

Giani David Silva – Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Realizou Estágio Doutoral na Université de Paris XIII (2001). Atualmente é professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) onde atua como membro permanente do Mestrado em Estudos de Linguagens e professora do Curso de Letras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente com os seguintes temas: análise do discurso, mídia, linguagem televisiva, informação televisiva, indexação e recuperação de informação audiovisual, semiótica e argumentação. É a atual presidente da AMPADIS, Associação Mineira de Pesquisadores em Análise do Discurso e coordenadora do Centro de Apoio a Pesquisas sobre Televisão (CAPTE) do CEFET-MG.

Rafael Magalhães Angrisano – Aluno do mestrado de Estudos em Linguagens do CEFET-MG. É pós-graduado em Imagens e Culturas Midiáticas e graduado em Relações Públicas. Atualmente, realiza pesquisa sobre Análise do Discurso e reportagens televisivas. É pesquisador do Centro de Apoio a Pesquisas sobre Televisão (CAPTE) do CEFET-MG, bolsista Capes.

André Luiz Silva – Aluno do mestrado de Estudos em Linguagens do CEFET-MG. É pós-graduado em Revisão de Textos e graduado em Jornalismo. Atualmente, realiza pesquisa sobre Análise do Discurso e telejornais all news. É pesquisador do Centro de Apoio a Pesquisas sobre Televisão (CAPTE) do CEFET-MG, bolsista Capes.